

# TRIBALIZAÇÕES ENTRE OS ROQUEIROS SEM RELIGIÃO, ABERTURA PARA A SOLIDARIEDADE, SENTIMENTO DE PERTENCIMENTO E PARTILHA DAS MESMAS EMOÇÕES NAS TRIBOS URBANAS *HEADBANGERS*

Flávio Lages Rodrigues\*

**Resumo:** Nesta comunicação apresentaremos os resultados parciais da construção da segunda parte do segundo capítulo da nossa pesquisa sobre a ocorrência das “Tribalizações entre os roqueiros sem religião, com a abertura para a solidariedade, sentimento de pertencimento e partilha das mesmas emoções nas tribos urbanas *headbangers*” em Belo Horizonte. Nessa parte, mostraremos como a dinâmica do tribalismo fomentou a socialização, considerando a força dessa coletividade com a linguagem que a música *rock* pode gerar nessas tribos. Mostraremos também, como o contexto de crise nas diversas áreas sociais no Brasil, possibilitou o nascimento da cena *underground* em Belo Horizonte, destacando neste caso, a atuação dos roqueiros sem religião nas tribos urbanas *headbangers*. Essas tribos conseguiram uma abertura para a solidariedade, sentimento de pertencimento e partilha das mesmas emoções. A metodologia proposta para esta pesquisa ocorreu com a revisão bibliográfica. Para tanto, utilizamos como principal teórico o sociólogo francês Michel Maffesoli em diálogo com outros autores. Nesse aspecto, a hipótese parece que vai sendo confirmada, pois para a maioria dos participantes da pesquisa, que são roqueiros/as sem religião, as tribalizações parecem ter possibilitado uma espiritualidade não religiosa na socialização da tribo urbana *headbanger* em torno da música *rock*, *heavy metal* e seus subgêneros.

**Palavras-chave:** *Rock*, *heavy metal* e seus subgêneros; roqueiros sem religião; tribos urbanas *headbangers*; espiritualidade não religiosa; Michel Maffesoli.

## 1. Introdução

Observamos que o intenso processo de urbanização ocorrido nas últimas décadas, trouxe vários problemas nas áreas social, política, econômica, cultural e também religiosa. Esta crise proporcionou novos modos de ser e viver, nas socializações com as tribos urbanas no contexto citadino. Na presente comunicação, como parte da nossa pesquisa de doutorado<sup>1</sup>, procuramos compreender as tribalizações e suas respectivas aberturas para a solidariedade, sentimento de pertencimento e partilha das mesmas emoções entre os roqueiros sem religião que estão nas tribos urbanas *headbangers* em Belo Horizonte.

Para isto, partimos de algumas teorias e conceitos propostos por Michel Maffesoli, a partir do tribalismo, observando como é construído o coletivismo e as várias linguagens no interior dessa tribo, que se inicia com a socialização em torno da música *rock*, do *heavy metal* e de seus subgêneros. Portanto, mostramos neste trabalho a teoria de Maffesoli com as tribalizações e também de outros pesquisadores das tribos urbanas. Nossa hipótese parece se

---

\* Doutorando e Mestre em Ciências da Religião pela PUC Minas PPGCR, bolsista pela CAPES e membro do Grupo de Pesquisa Religião e Cultura/CNPq desde 2015. Graduado em Teologia (2005) e especialista em Teologia Sistemática (2007) pela Faculdade Evangélica de Teologia de Belo Horizonte - FATE-BH.

<sup>1</sup> Esta comunicação está ligada à pesquisa de doutorado em andamento no PPGCR da PUC Minas com o título: “O rock como espiritualidade não religiosa. Estudo sobre os rituais, sociabilidades e cosmovisão de roqueiros sem religião em Belo Horizonte”, sob orientação do professor Dr. Flávio Senra, no PPGCR da PUC Minas. Esta pesquisa é realizada com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES).

confirmar, com a maioria dos participantes, que entenderam que as tribalizações em torno da música *rock*, do *heavy metal* e seus subgêneros, realmente, possibilita um tipo de espiritualidade não religiosa na socialização da tribo urbana *headbanger*.

### **1.1 A força da tribalização pelo sentimento de pertencimento e partilha das mesmas emoções**

Observamos que a socialização dos adeptos das tribos urbanas *headbangers*, acontece com o sentimento de pertencimento e partilha das mesmas emoções, e tem o *rock*, o *heavy metal* e seus subgêneros, como principal elemento socializador. Essa socialização com o *rock*, se propaga para outras linguagens e construções na tribo, com as demarcações musicais, corporais, filosóficas, territoriais, entre outras, e também pode ser verificada na linguagem religiosa e não religiosa. Para Maffesoli, as tribalizações ocorrem com a socialização, nos afetos, emoções e nos instintos coletivos no mundo social, que acontece não mais pela força da razão, mas ocorre com a estrutura orgânica, com a totalidade do indivíduo e da comunidade.

O mundo social não é mais construído a partir de nada, de uma forma prometêica, apenas pelo intelecto todo-poderoso, mas se faz a partir de um real primário no qual os afetos, as emoções e os instintos têm seu lugar. Tudo isto traduz uma ordem, mas uma ordem móvel, uma ordem que “implica” todas as camadas do indivíduo e da comunidade. (MAFFESOLI, 2007, p. 71).

Ainda de acordo com Maffesoli, a socialização acontece com essa fusão e movimento do indivíduo na comunidade, com a construção coletiva no afeto, na paixão e na comunicação no estar junto. A crise que poderia acontecer com o pensamento instrumental ou racional que individualiza, separa e discrimina, só pode ser transpassada pelo pensamento orgânico e coletivo, que fomenta a comunicação nas várias formas de socialização das tribos.

Em seu aspecto puramente instrumental ou racional, o pensamento individualiza, da mesma forma que, no nível teórico, recorta e discrimina. Por outro lado, integrando-se em uma complexidade orgânica, isto é, abrindo espaço para o afeto e para a paixão, e também para o não lógico, esse pensamento favorece a comunicação do estar-junto. (MAFFESOLI, 2010, p. 124).

A base para a socialização está estruturada na valorização do estar junto. Isso ocorre através dos encontros e por mais banais que pareçam, nessas socializações é que reside a força da solidificação da coletividade. “Mesmo que seja uma banalidade dizê-lo, não devemos ter

medo de repetir que a originalidade do procedimento sociológico reside no fato de que ele se apoia na *materialidade* do estar-junto.” (MAFFESOLI, 2010, p. 129).

Esse “estar junto” apresenta o espetáculo das socializações com expressões advindas dos encontros com o sensível, no tato e no toque dos relacionamentos, na existência a partir e pelo olhar do outro, com a dimensão do caldo cultural com a massa que é formada pelo prazer em estar juntos, com o pertencimento popular, da multidão, do grupo e da tribo.

É próprio do espetáculo acentuar, diretamente, ou de maneira eufemística, a dimensão sensível, tátil da existência social. Estar-junto permite tocar-se. Todos os prazeres populares são prazeres de multidão ou de grupo. E não se pode compreender essa estranha compulsão de amontoar-se, a não ser que se tenha em mente essa constante antropológica. (MAFFESOLI, 2010, p. 134).

Em outras palavras, poderíamos dizer que nesses “prazeres de multidão ou de grupo” o que interessa é viver em bando, bloco, massa, rede afinitária, teia, ou em qualquer situação que remeta a trama, que une e amarra os fios de um mesmo tecido, neste caso, do tecido tribal. Para Maffesoli, essa agregação é possível pela virada epistemológica com a mudança do julgamento individual, substituído pelo julgamento tribal com a força do coletivo e do senso comum.

Observamos hoje em dia um fenômeno idêntico. O critério do julgamento individual não é mais pertinente. Foi substituído pelo julgamento tribal, conferindo mais importância ao senso comum que ao senso próprio. E uma expressão desse resvalar é, naturalmente, a volta dos mitos, sua profusão e sua pregnância. Mitos cotidianos que favorecem a agregação em torno de um herói epônimo. Mitos enraizados num lugar, elaborando-se em função de um gosto específico (de culto, cultural, esportivo, sexual), mas cuja característica é efetivamente a aniquilação de uma argumentação crítica em proveito de um pensamento mais global, e de forte conotação emocional. (MAFFESOLI, 2007, p. 92-93).

Portanto, o que percebemos é que a força da tribalização ou das tribos urbanas, ocorrem com a socialização e pode ser vista nos mais variados fenômenos, que se apresentam e acontecem de forma corriqueira, no cotidiano e na religação dos relacionamentos sociais com o outro. O que mostra que a socialização só pode acontecer na ligação coletiva, pela via de um sentimento de pertencimento e na partilha das mesmas emoções.

## 1.2 A solidariedade como fator de religião nas tribos urbanas

Percebemos que os roqueiros sem religião que estão nas tribos urbanas *headbangers*, valorizam os laços sociais que são criados na proximidade e nas interações cotidianas. Essas socializações feitas com o ombro a ombro e olho no olho, proporcionam uma solidariedade e uma religião dos membros da tribo, como mostra Maffesoli.

Como tenho indicado com frequência, a volta dos deuses não é simplesmente passível de uma análise teológica, e tão pouco é um apanágio de uma sociologia das religiões, que frequentemente tem a rigidez dogmática de seu objeto de estudo. Deve ser entendida, de maneira fenomenológica, como uma nova sensibilidade que privilegia o cotidiano e a “religação” ao Outro. (MAFFESOLI, 2007, p. 93).

Esses fenômenos acontecem no cotidiano e na religação social com o outro, com a força do coletivismo na socialização e sinaliza para um esvaziamento do individualismo e uma religação quase “sagrada” com esse “Outro” nos relacionamentos diários. Nessas socializações, “a questão é perder-se no outro. Transcender-se a si mesmo. Participar de uma ambiência mística que faz do “eu” algo bastante ilusório.” (MAFFESOLI, 2007, p. 95). Atualmente, essas socializações possibilitam pertencimentos às mais diversas tribos, no qual o senso coletivo e de grupo pode ser experimentado em cada uma delas.

Através dessa diversidade das tribos com seus gostos, partilhas das mesmas emoções e sentimento de pertencimento, observamos a exposição e contraposição à crise do pensamento contemporâneo. Este fica exposto e não é aceito pela tribo com seu ideal criado, de unificação ou pretensão de se apresentar como absoluto ou totalitário. Dessa forma, as tribos urbanas se apresentam como uma dessas respostas à crise atual e se desenvolvem nos mais variados grupos afinitários, pelo simples desejo de pertencimento a algo.

É efetivamente contra esse ideal, contra a ideia do Uno que se desenvolvem as pequenas seitas, tendências, escolas, comunidades, tribos, unidas por um forte sentimento de pertencer. Volta de um “tipo” coletivo no qual a identidade estática dá lugar às identificações dinâmicas, no qual o caminho por si mesmo prevalece sobre o objetivo a atingir. (MAFFESOLI, 2007, p. 97).

Para Maffesoli há uma mudança nas socializações no qual a “identidade estática” dá lugar às “identificações dinâmicas”. Na sua visão, a “nebulosa afetual” com o ir e vir de um grupo ao outro, ultrapassa o que foi estabelecido na contracultura californiana dos anos 70 e na comunidade dos grupos estudantis na Europa, que tinham uma forma de agregação a um grupo específico, a família e a uma comunidade.

Essa nebulosa “afetual” permite compreender a forma específica assumida pela sociabilidade em nossos dias: o vaivém massa-tribos. Com efeito, a diferença do que prevaleceu durante os anos 1970 – com esses marcos que foram a contracultura californiana e as comunas estudantis europeias – trata-se antes de ir-e-vir de um grupo a outro do que da agregação a um bando, a uma família, a uma comunidade. É isso que pode dar a impressão de atomização. É por isso que se pode falar, equivocadamente, de narcisismo. (MAFFESOLI, 2010, p. 132).

Neste aspecto, Maffesoli aponta que atualmente, há a possibilidade de pertencer à várias tribos urbanas ao mesmo tempo dentro de terminados contextos urbanos, sem incorrer em nenhum conflito para o participante dessas tribos. Notamos que uma pessoa pode participar de uma tribo em torno de um estilo musical, como ocorre com os adeptos das tribos urbanas *headbangers*, que neste caso, também participam da tribo dos sem religião, e ainda podem aderir à outras tribos de profissionais, estudos, esportistas, torcedores de futebol e de outros esportes, entre outras tribos e redes afinitárias. O que vale nessa socialização é o ir e vir de um grupo ao outro, com a possibilidade desse adepto participar de várias tribos, não ficando preso a nenhum grupo específico.

Para Maffesoli, as tribos urbanas pós-modernas também produzem uma crise com o despedaçamento do eu e do indivíduo, que neste caso, pode dissolver esse eu nas várias manifestações sociais, com a coletividade da pessoa em variadas tribos urbanas.

Com o despedaçamento do indivíduo em uma pessoa múltipla, é como se se insinuasse uma dúvida na “progressista” e universal religião do bem. A vida empírica em sua integridade volta à ordem do dia. E as tribos pós-modernas, com seu cortejo de demônios, e também sua serenidade animal, frisam essa “defasagem absoluta”, sinal de uma utopia que deixa de ser distante, ou política, para inscrever-se nos interstícios da vida de todos os dias. (MAFFESOLI, 2007, p. 99).

Essa crise do “eu” dá lugar a representação e ao fenômeno, que é feito pelo grupo, pelo coletivo e pelas tribos urbanas com as representações de papéis específicos em cada uma delas.

O que pode dar margem a confusão é a utilização do “eu” para contar o primado da experiência. Mas é um “eu” ilusório. Uma máscara que funciona como *ilustração*. Uma figura exemplar que frisa o caráter típico de uma ação, de um fenômeno, de uma maneira de ser. Trata-se de um “personagem” que vale pelo grupo tribal no qual este exemplo faz sentido. (MAFFESOLI, 2007, p. 99).

As tribos urbanas possibilitam as diversas afinidades cimentadas pela paixão comunitária que é capaz de produzir inúmeras redes de socialização nas metrópoles, que podem ser ampliadas ainda mais nas megalópoles.

Esses agrupamentos afinitários retomam a antiga estrutura antropológica que é a “família ampliada”. Estrutura na qual a negociação da paixão e do conflito se faz bem de perto. Sem remeter à consanguinidade, esse reagrupamento se inscreve na perspectiva do *phylum* que renasce com o redesdobramento do naturalismo. Podemos dizer que as redes, que pontuam nossas megalópoles, retomam as funções de ajuda mútua, de convivialidade, de comensalidade, de sustentação profissional e, às vezes, até mesmo de ritos culturais que caracterizam o espírito da *gens* romana. (MAFFESOLI, 2010, p. 124).

Se por um lado essas tribalizações pós-modernas podem causar algum espanto a alguns observadores sociais, ou mesmo aos poderes político, social, econômico, cultural e até mesmo o religioso. Como foi com os roqueiros/as sem religião que estavam nas tribos urbanas *headbangers*, desde o início da cena *underground* em meados da década de 1980 em Belo Horizonte. Para Maffesoli, esse tribalismo sempre existiu em grupos consanguíneos, familiares e secundários. O que muda é que dependendo da época ele pode ser valorizado ou não. “Seja qual for o nome que se dê a esses reagrupamentos: grupos de parentesco, grupos familiares, grupos secundários, *peer-groups*, trata-se de um tribalismo que sempre existiu, mas que, conforme as épocas, é mais ou menos valorizado.” (MAFFESOLI, 2010, p. 124).

Poderíamos destacar aqui o *rock* entre esses elementos que passa pelo crivo de ser ou não valorizado, como observamos com o preconceito e discriminação sofridos pelos roqueiros/as e roqueiras sem religião que estavam nas tribos urbanas *headbangers* em Belo Horizonte, frente às estruturas sociais, políticas, econômicas, culturais e religiosas. A socialização com os encontros banais e o estar junto, pode assegurar através da sua espontaneidade uma cultura mais forte e mais sólida.

Assim, ao meu ver, o estar-junto é um dado fundamental. Antes de qualquer outra determinação ou qualificação, ele consiste nessa espontaneidade vital que assegura a uma *cultura* sua força e sua solidez específicas. Em seguida, essa espontaneidade pode se artificializar, que dizer, se *civilizar* e produzir obras (políticas, econômicas, artísticas) notáveis. Sempre será necessário, entretanto, mesmo que seja apenas para apreciar suas novas orientações (ou re-orientações), retornar à forma pura que é o *estar-junto à toa*. (MAFFESOLI, 2010, p. 141).

Esse estar junto se torna força e solidificação de uma cultura e pode ser observado na cena *underground* em Belo Horizonte, com os roqueiros sem religião nas tribos urbanas *headbangers*. Com os encontros casuais, que posteriormente, tomam forma nos diversos relacionamentos sociais e também podem ser vistos em outras tribos urbanas. Revelando a riqueza cultural com novos modos de vida que surgem a cada dia.

Com efeito, isso pode servir de pano de fundo, de elemento revelador para os novos modos de vida que renascem sob nossos olhos. Nova rodada do jogo que diz respeito à

economia sexual, à relação com o trabalho, à repartição da palavra, ao tempo livre, à solidariedade nos reagrupamentos de base. Para compreender tudo isso é necessário usar essa alavanca metodológica que é a perspectiva orgânica do grupo. (MAFFESOLI, 2010, p. 141).

Nesse aspecto para Maffesoli, a cidade, as metrópoles ou megalópoles cada vez mais se tornam lugares “sagrados” para a religação dos mais variados grupos e tribos que partilham os mesmos gostos, sensações, emoções e prazeres. Através das tribos urbanas há a possibilidade de outros tipos de socialização, sem nenhuma finalidade, a não ser para se encontrar sem ter objetivo ou projeto específico. Essas redes de amizade, produzem socializações que tecem cada vez mais a vida cotidiana dos grandes centros urbanos.

A socialização pode escapar ao controle físico e dos espaços geográficos como limites de interação. Essa proximidade como estudo das distâncias físicas que os indivíduos estabelecem entre si em suas interações sociais, está tomando outros contornos com uma solidariedade que ocorre com os inúmeros grupos que se unem e reúnem por afinidades e mesmos gostos partilhados. “Dessa maneira, ao lado de uma análise sócio-histórica, podemos igualmente enfatizar a dimensão socioantropológica, e sublinhar a ligação íntima que existe entre a proximidade e a solidariedade.” (MAFFESOLI, 2010, p. 59).

### **1.3 Socializações que são sedimentadas nas tribalizações dos diversos grupos na cidade.**

Percebemos que a socialização acontece nas variadas tribos metropolitanas, como vimos também com os roqueiros sem religião que estão nas tribos urbanas *headbangers* em Belo Horizonte, com a abertura para a solidariedade, sentimento de pertencimento e partilha das mesmas emoções. O que nos sinalizou para os relacionamentos que são criados com a ajuda mútua e o viver social, que fortificam a vida coletiva. “Na verdade, a ajuda mútua, tal como aqui entendemos, se inscreve em uma perspectiva orgânica em que todos os elementos, por sua sinergia, fortificam o conjunto da vida.” (MAFFESOLI, 2010, p. 60).

Essa fortificação do conjunto da vida que ocorre na coletividade, exalta antes de mais nada, a ajuda mútua, com uma vida solidária e coletiva, que é a resposta em união desses grupos ao domínio da morte em todos os seus sentidos, físico, emocional e espiritual. Isso também acaba proporcionando a perdurância social desses grupos e tribos com os rituais sociológicos. “Desse modo, a ajuda mútua seria a resposta animal, ‘não consciente’ do querer viver social. Espécie de vitalismo que ‘sabe’, por meio do saber incorporado, que a *unicidade*

é a melhor resposta ao domínio da morte, que é de alguma forma um desafio a este.” (MAFFESOLI, 2010, p. 60).

Em outras palavras, para Maffesoli a socialização só pode ocorrer com os relacionamentos pessoais e interpessoais e isso proporciona a formação dos grupos e tribos com as mais variadas interações sociais cotidianas.

A fusão da comunidade pode ser perfeitamente desindividualizante. Ela cria uma união em pontilhado que não significa uma presença plena no outro (o que remete ao político), mas antes estabelece uma relação oca que chamarei de *relação tátil*: na massa nos cruzamos, nos roçamos, nos tocamos, interações se estabelecem, cristalizações se operam e grupos se formam. (MAFFESOLI, 2010, p. 127-128).

Para Maffesoli, isso fica ainda mais evidenciado com as mudanças que ocorrem na diferenciação da característica do social e da característica da sociabilidade. Neste caso, enquanto o social fecha para o indivíduo engessado e para que este realize uma função a ser desempenhada no quadro social, a sociabilidade abre para a pessoa representar os vários papéis, não só na área profissional, mas em qualquer tribo que ela queira participar, com os mesmos gostos, prazeres e pertencimentos.

Ainda de acordo com Maffesoli, a característica da sociabilidade é a que melhor representa a participação das pessoas nas mais variadas tribos urbanas na contemporaneidade.

*Característica do social*: o indivíduo podia ter uma função na sociedade, e funcionar no âmbito de um partido, de uma associação, de um grupo estável. *Característica da sociabilidade*: a pessoa (*persona*) representa papéis, tanto dentro de sua atividade profissional quanto no seio das diversas tribos de que participa. Mudando o seu figurino, ela vai, de acordo com seus gostos (sexuais, culturais, religiosos, amicais) assumir o seu lugar, a cada dia, nas diversas peças do *theatrum mundi*. (MAFFESOLI, 2010, p. 133).

Observando essa “característica da sociabilidade” que valoriza a “*persona*” com as representações de papéis nas mais variadas atividades humanas e também nas tribos que essa pessoa escolha participar de forma eletiva. Essa perspectiva mostrada por Maffesoli com a possibilidade de aderência a essas variadas tribos, também foi verificada na nossa pesquisa, com essas pessoas que são ao mesmo tempo adeptos das tribos urbanas *headbangers* e também roqueiros/as sem religião, e ainda há a possibilidade de participação em outras tribos.

Pensando nos efeitos que o conceito das tribalizações tem causado nas mais variadas áreas da vida na pós-modernidade, ampliamos a discussão na pesquisa sobre o tribalismo, com alguns/as comentadores/as da obra de Michel Maffesoli. Entre eles a teóloga Ana Maria Tepedino (2011), a comunicadora social Renata Pitombo Cidreira (2014), a antropóloga Goli



Guerreiro (1994) e o jornalista Jeder Silveira Junior Janotti (1994). Também utilizamos outros comentadores/as que dialogam com a obra de Maffesoli como Tatyana de Alencar Jacques (2007), Leila Maria da Silva Blass (2004), João Lindolfo Filho (2004), Lídice Maria Silva Araújo (2004), Márcio Gonçalves Campos (2019) e João Victor Barbosa (2018).

De uma forma geral, percebemos que esses pesquisadores/as de áreas afins, têm feito seus estudos ancorados na obra de Michel Maffesoli e em especial com o seu conceito de tribalismo. Entre esses comentadores/as, destacamos alguns que trabalharam o conceito de tribalismo com outros grupos em suas pesquisas e em áreas de atuação diversificadas, também há os que se aproximam mais de nossa pesquisa com o *rock*, *heavy metal* e seus subgêneros, como Jacques (2007), que é musicóloga e desenvolve sua pesquisa numa perspectiva com bandas de *rock* independente de Florianópolis/SC. Também utilizamos Barbosa (2018), que é comunicador social e pesquisa o *rock and roll* na área da comunicação e semiótica, através de processos comunicacionais e culturais em documentários musicais (*Rockumentários*), que foram produzidos entre os anos de 1968-1971, com os *Rolling Stones Rock and Roll Circus* (1968), *Woodstock* (1969) e *Pink Floyd: Live at Pompeii* (1971), para a difusão midiática dessa música para o consumo juvenil. Utilizamos aqui, também na perspectiva do *rock*, Guerreiro (1994) e Junior Janotti (1994), que também pesquisou as tribos urbanas *headbangers* no Brasil e no mundo.

Entre os comentadores/as que pesquisam os efeitos das tribalizações em outros grupos e foram utilizados aqui, destacamos Blass (2004), que é cientista social e pesquisou as tribalizações nas Escolas de Samba na cidade de São Paulo nos anos de 2001 e 2002. Outro que foi utilizado nessa parte foi Lindolfo Filho (2004), também é cientista social e pesquisou as tribos urbanas e em especial das tribos *reggae* e *hip hop*, como grupos excluídos nas metrópoles no Brasil e em alguns lugares do mundo. Também utilizamos Araújo (2004), que é psicóloga e pesquisou as tribos urbanas *manguebeat* em Recife. E por fim, Campos (2019), que é teólogo e pesquisou as tribos urbanas *punks* no Brasil.

Portanto, o que podemos observar é que as socializações são fundamentadas pelas tribalizações, que acontecem nas mais diversas tribos urbanas espalhadas pela cidade. Também observamos que os comentadores/as de Maffesoli, além de contribuírem com suas pesquisas sobre o conceito de tribalismo, trabalham com outras tribos urbanas, por outros vieses e áreas de conhecimento, que acabaram nos ajudando com nossa pesquisa com os roqueiros sem religião, que estão nas tribos urbanas *headbangers* em Belo Horizonte. Dessa forma, verificamos que o conceito de tribalismo pode ter sua aplicação em inúmeros grupos

que se socializam no contexto citadino, com o sentimento de pertencimento, de estar juntos, na partilha das mesmas sensações, emoções e gostos.

## 2. Conclusão

Notamos que a força da tribalização ocorre com a socialização no sentimento de pertencimento e partilha das mesmas emoções. Neste caso o *rock*, o *heavy metal* e seus subgêneros se tornaram os elementos socializadores principais entre os roqueiros sem religião, que estavam nas tribos urbanas *headbangers* em Belo Horizonte, desde a metade da década de 1980. Mesmo com a crises sociais, que ainda vigoravam no Brasil e que ainda remontavam ao Golpe Militar de 1964, observamos a força das tribalizações, com a solidariedade e o prazer de estar juntos, que ocorre nos encontros cotidianos.

Observamos que a teoria das tribalizações foi verificada na pesquisa com os roqueiros sem religião, que estão nas tribos urbanas *headbangers* em Belo Horizonte. E também foi verificada em outras pesquisas dos comentadores/as da teoria das tribalizações de Maffesoli, que sinalizaram para a pluralidade de pesquisas com as tribos urbanas no contexto citadino. Na nossa pesquisa de campo, fizemos a entrevista semiestruturada com 26 perguntas. Uma dessas perguntas foi se as tribalizações entre os roqueiros sem religião, poderia ser considerada um tipo de espiritualidade não religiosa. Entre os 10 entrevistados, 6 disseram que sim, 3 disseram que não e 1 não soube responder. Portanto, nossa hipótese se confirmou e para a maioria (60%) dos entrevistados, as tribalizações fomentam um tipo de espiritualidade não religiosa na socialização dos roqueiros sem religião nas tribos urbanas *headbangers* em torno da música *rock*, do *heavy metal* e de seus subgêneros.

## Referências

ARAÚJO, Lídice Maria Silva. Música, Sociabilidades e Identidades: o Manguêbit no Recife (PE). In: PAIS, José Machado, BLASS, Leila Maria da Silva. (Org.). **Tribos urbanas: produção artística e identidades**. São Paulo: Annablume, 2004. p. 103-126.

BARBOSA, João Victor. **Deuses do rock: a construção do mito no audiovisual**. 2018. 124 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/21334>. Acesso em 24 maio 2021.

BLASS, Leila Maria da Silva. Desfile de Carnaval e Tribos Urbanas: a diversidade no efêmero. In: PAIS, José Machado, BLASS, Leila Maria da Silva. (Org.). **Tribos urbanas: produção artística e identidades**. São Paulo: Annablume, 2004. p. 211-233.

CAMPOS, Márcio Gonçalves. **Tribos urbanas e suas práticas religiosas: o surgimento de uma teologia contextual**. 2019. 178 f. Dissertação (Mestrado em Teologia). Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2019. Disponível em: [https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UCAP\\_e4580e21624e66fb5054b0246ba10c30](https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UCAP_e4580e21624e66fb5054b0246ba10c30). Acesso em: 26 maio 2021.

CIDREIRA, Renata Pitombo. **A moda numa perspectiva compreensiva**. Cruz das Almas: UFRB, 2014.

GUERREIRO, Goli. **Retratos de uma tribo urbana: rock brasileiro**. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1994.

JACQUES, Tatyana de Alencar. **Comunidade rock e bandas independentes de Florianópolis: uma etnografia sobre socialidade e concepções musicais**. 2007. 142 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/89649?show=full>. Acesso em: 31 maio 2021.

JANOTTI JUNIOR, Jeder Silveira. **Heavy metal: o universo tribal e o espaço dos sonhos**. 1994. 105 f. Dissertação (Mestrado em Multimeios). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1994. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/284153>. Acesso em: 10 abr. 2021.

LINDOLFO FILHO, João. Hip Hopper: tribos urbanas, metrópoles e controle social. In: PAIS, José Machado, BLASS, Leila Maria da Silva. (Org.). **Tribos urbanas: produção artística e identidades**. São Paulo: Annablume, 2004. p. 127-150.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

MAFFESOLI, Michel. **O ritmo da vida: variações sobre o imaginário pós-moderno**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

RODRIGUES, Flávio Lages. **A liberdade do Espírito na vida e no rock**. Rio de Janeiro: MK, 2007.

RODRIGUES, Flávio Lages. A linguagem, a estética e a ideologia na música *rock* entre os jovens na Comunidade Caverna de Adulão em Belo Horizonte. **Interações**, Belo Horizonte, v. 16, n. 1, p. 93-117, 2021. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/interacoes/article/view/18284>. Acesso em: 01 maio 2021.

RODRIGUES, Flávio Lages. A utilização da música *rock* no diálogo inter-religioso e intercultural. **Reflexus**, Vitória, v. 13, n. 22, p. 669-697, 2019a. Disponível em:

<http://revista.faculdadeunida.com.br/index.php/reflexus/article/view/914>. Acesso em: 16 dez. 2019.

RODRIGUES, Flávio Lages. As trajetórias da música *rock* na Comunidade Caverna de Adulão. **Interações**, Belo Horizonte, v. 15, n. 1, p. 197-213, 2020a. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/interacoes/article/view/17515>. Acesso em: 13 jul. 2020.

RODRIGUES, Flávio Lages. Comunidade Caverna de Adulão: *rock* como fator de socialização. **Caminhos**, Goiânia, v. 18, n. 1, p. 234-251, 2020b. Disponível em: <http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/article/view/7498/4369>. Acesso em: 22 jul. 2020.

RODRIGUES, Flávio Lages. Deus na música *rock*: uma visão ecológica dos grupos *headbanger's* e outros grupos juvenis na Comunidade Caverna de Adulão. In: PENNA, Heloísa Maria Moraes Moreira; AVELLAR, Júlia Batista Castilho de; CARVALHO, Rodrigo Ladeira. (Orgs.). **Deus(es) na literatura**. Belo Horizonte: Relicário, 2018a. p. 203-215.

RODRIGUES, Flávio Lages. Igrejas e Comunidades *underground's*: novos modelos eclesiais? **Plura**, Juiz de Fora, v. 8, n. 2, p. 185-205, 2017. Disponível em: [http://www.abhr.org.br/plura/ojs/index.php/plura/article/viewFile/1468/pdf\\_221](http://www.abhr.org.br/plura/ojs/index.php/plura/article/viewFile/1468/pdf_221). Acesso em: 07 abr. 2019.

RODRIGUES, Flávio Lages. **O fenômeno religioso entre os jovens nas tribos urbanas: uma análise da relação cultura e religião na Comunidade Caverna de Adulão - Belo Horizonte/MG**. 2018. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018b.

RODRIGUES, Flávio Lages. O *rock* como possibilidade para uma espiritualidade não-religiosa. **Caminhos**, Goiânia, v. 17, n. 1, p. 173-192, 2019b. Disponível em: <http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/issue/view/315>. Acesso em: 22 jul. 2019.

RODRIGUES, Flávio Lages. **O rock na evangelização**. Rio de Janeiro: MK, 2006.

RODRIGUES, Flávio Lages. **Os desafios para a igreja pregar o Evangelho na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: MK, 2018c.

RODRIGUES, Flávio Lages. Percurso histórico da Comunidade Caverna de Adulão em Belo Horizonte: novos modelos eclesiais? **Expedições**, Morrinhos, v. 9, n. 3, p. 71-90, 2018d. Disponível em: [https://www.revista.ueg.br/index.php/revista\\_geth/article/view/7660](https://www.revista.ueg.br/index.php/revista_geth/article/view/7660). Acesso em: 22 jul. 2019.

TEPEDINO, Ana Maria. O efêmero e nossas idolatrias pós-modernas. **Atualidade Teológica**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 39, p. 536-543, 2011. Disponível em: [https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/rev\\_ateo.php?strSecao=fasciculo&fas=26016&NrSecao=X3&secao=ARTIGOS&nrsseqcon=20412](https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/rev_ateo.php?strSecao=fasciculo&fas=26016&NrSecao=X3&secao=ARTIGOS&nrsseqcon=20412). Acesso em: 19 abr. 2021.